

ENTREVISTA DA SEMANA

Queremos recolocar o Azulão no cenário nacional, diz diretor Carlos Pracidelli

Campeão mundial com a Seleção Brasileira em 2002 como treinador de goleiros, Carlos Pracidelli assumiu recentemente o cargo de diretor de futebol do São Caetano. E o agora dirigente projeta a volta do clube às principais divisões do futebol nacional e estadual. Política 4

entrevista da semana

Carlos Pracidelli, Diretor de Futebol do São Caetano e campeão mundial com a Seleção

“Queremos que o Azulão volte ao cenário nacional”

Segundo o ex-goleiro, a missão não é fácil, e a diretoria do Azulão precisa pensar passo a passo. No entanto, ele não desista de trabalhar com retorno do clube às competições de nível nacional, ou receber mais partidas da Libertadores no Estádio Anacleto Campanella. Mesmo em um desafio cansado, Pracidelli tem experiência no futebol, com mais de duas décadas na comissão técnica de Felipe, e passagem como treinador de goleiros da Seleção Brasileira nas Copas de 2002 e 2014.

RAIO X Nome: Antônio Carlos Pracidelli. Autêntico: Não de jeito nenhum. Onde nasceu: São Paulo, Capital. Onde mora: São Paulo, Capital. Formação: Administração. Um lugar: Minha casa. Alguma que celebre: Victorino Felipe e Nenêinho Batista.

Um filme: Brasil 2002 - Os Brasileiros do Perini, de Luis Araoz. Um livro: A Arte da Guerra, por Sun Tzu. Uma música: Mulher (Léo Fagundes), de Erasmo Carlos. Um filme: Brasil 2002 - Os Brasileiros do Perini, de Luis Araoz.

Em 2008, você acompanhou o Felipe na Inglaterra, no comando do Chelsea. Tem algum choque no trabalho ou na cultura do futebol na Europa? A Premier League (Campeonato Inglês) era a competição mais importante do mundo, talvez ainda seja. A mentalidade dos jogadores é diferente em todo sentido. Lá, os jogadores são escolhidos a dedo. Tínhamos 24 atletas no elenco, e todos eram jogadores de seleção. Do Brasil, da Espanha, da França. Então é a maneira do futebol, e tudo muda desde a estrutura até o pensamento do jogo.

Muitos jogadores e membros da comissão ficaram marcados pela goleada. Como foi se recuperar de 2014? Foi difícil. Mas como o futebol não te dá tempo de fazer as coisas, você sempre tenta fazer seu melhor, mas, às vezes, não é o suficiente. São coisas que vão ficar marcadas pelo resto da vida. Felizmente, eu e Felipe nos recuperamos dessa situação. Ficamos três anos na China, e saímos com títulos nacionais. Em 2018, fomos campeões brasileiros com o Palmeiras, com uma enorme série invicta (23 jogos). Depois, chegamos à final da Libertadores da América com o Atlético-PR (2022). Essas situações fazem a vida continuar. O futebol te proporciona situações fantásticas e também episódios muito tristes. Mas não basta salvar de bobo a qualquer custo, mas também participar do jogo com os pés, na criação de jogadas.

Quando você chegou ao São Caetano, qual era o cenário? O clube não estava em uma situação muito boa. Tínhamos o Marcos, o Dida e o Rogério Ceni. Três goleiros fantásticos. Então, independente de que assumisse a camisa ti-

ular da Seleção, ela seria muito bem representada. Pelo fato de nós já termos trabalhado com o Marcos no Palmeiras (entre 1997 e 2000), eram sabedores de tudo aquilo que poderia nos dar. Então optamos por ele, e acho que fomos muito felizes, já que o Marcos teve uma participação fantástica na Copa do Mundo. Mas como eu falei, foi muito fácil. Eram três goleiros excepcionais, qualquer um que nós escolêssemos estaria servindo muito bem o Brasil.

Atualmente, o São Caetano ainda não abraça a categoria feminina, mas realiza algumas avaliações de jovens garotas. Existe alguma preocupação com o clube iniciar trabalhos na categoria? Eu não diria que já há uma data definida no clube, mas hoje o futebol feminino está em uma realidade. Hoje, o futebol feminino já conquistou um espaço no País que não pode ser ignorado. E em um futuro bem próximo as meninas também vão fazer uma história bonita no São Caetano. Então, vamos cozi-ningo algo que pode gerar frutos para a instituição e para a cidade. Queremos que o Azulão volte ao cenário nacional, tanto no masculino quanto no feminino.

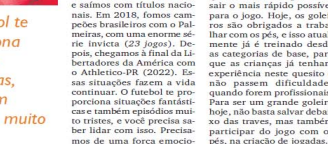
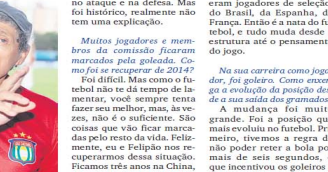
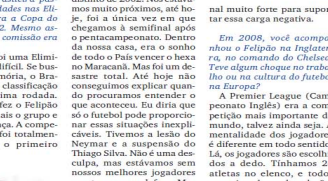
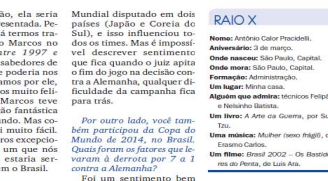
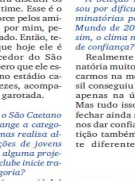
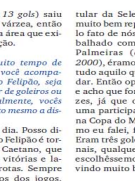
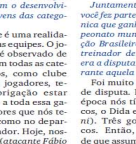
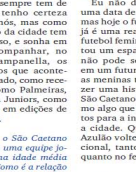
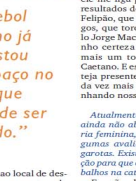
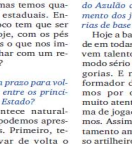
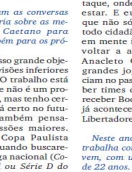
Juntamente com o Felipe, você fez parte da comissão técnica que ganhou o pentacampeonato mundial com a Seleção Brasileira (2002). Como treinador de goleiros, como era a disputa pela posição durante aquelas campanhas? Foi muito fácil em termos de disputa. Porque naquela época nós tínhamos o Marcos, o Dida e o Rogério Ceni. Três goleiros fantásticos. Então, independente de que assumisse a camisa ti-

cular da Seleção, ela seria muito bem representada. Pelo fato de nós já termos trabalhado com o Marcos no Palmeiras (entre 1997 e 2000), eram sabedores de tudo aquilo que poderia nos dar. Então optamos por ele, e acho que fomos muito felizes, já que o Marcos teve uma participação fantástica na Copa do Mundo. Mas como eu falei, foi muito fácil. Eram três goleiros excepcionais, qualquer um que nós escolêssemos estaria servindo muito bem o Brasil.

Atualmente, o São Caetano ainda não abraça a categoria feminina, mas realiza algumas avaliações de jovens garotas. Existe alguma preocupação com o clube iniciar trabalhos na categoria? Eu não diria que já há uma data definida no clube, mas hoje o futebol feminino está em uma realidade. Hoje, o futebol feminino já conquistou um espaço no País que não pode ser ignorado. E em um futuro bem próximo as meninas também vão fazer uma história bonita no São Caetano. Então, vamos cozi-ningo algo que pode gerar frutos para a instituição e para a cidade. Queremos que o Azulão volte ao cenário nacional, tanto no masculino quanto no feminino.

Juntamente com o Felipe, você fez parte da comissão técnica que ganhou o pentacampeonato mundial com a Seleção Brasileira (2002). Como treinador de goleiros, como era a disputa pela posição durante aquelas campanhas? Foi muito fácil em termos de disputa. Porque naquela época nós tínhamos o Marcos, o Dida e o Rogério Ceni. Três goleiros fantásticos. Então, independente de que assumisse a camisa ti-

ular da Seleção, ela seria muito bem representada. Pelo fato de nós já termos trabalhado com o Marcos no Palmeiras (entre 1997 e 2000), eram sabedores de tudo aquilo que poderia nos dar. Então optamos por ele, e acho que fomos muito felizes, já que o Marcos teve uma participação fantástica na Copa do Mundo. Mas como eu falei, foi muito fácil. Eram três goleiros excepcionais, qualquer um que nós escolêssemos estaria servindo muito bem o Brasil.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** Capa + página 4